

Escola de pessoas criativas

Em tempos de Enem, Pisa e outros indicadores de qualidade das escolas que formam nossas futuras gerações, pode até soar fora de contexto falar em criatividade. Afinal, a palavra de ordem é *competitividade*, para entrar nos rankings, para ingressar na universidade, para conseguir um lugar no mercado de trabalho, para sobreviver na concorrência entre empresas...

Por isso, ao longo dos últimos anos, as escolas vêm mudando muito. Tornaram-se mais exigentes, ampliaram a carga horária, investiram para que os alunos saibam mais matemática, sejam mais proficientes no uso da língua materna, enfim, dominem um conjunto mais amplo de conteúdos e desenvolvam competências demandadas pelo mercado - como trabalhar em equipe, liderar, ter flexibilidade diante de cenários que mudam.

Seria muito difícil fugir a essa lógica de resultados na educação, pois são questões concretas que se apresentam e é preciso preparar nossos alunos para isso. Contudo, é assustador ouvir conversas de CEOs e executivos de RH das grandes empresas que procuram avidamente pelos criativos. Eles dizem que, para competir no mundo contemporâneo, é preciso inovar continuamente, encontrar caminhos para problemas antigos, para problemas novos e para problemas que ainda nem existem. E, para inovar, é preciso criatividade. Mas onde estão os criativos?

A verdade é que uma escola preocupada apenas com desempenho acadêmico e com as listas dos rankings tende a sufocar os espaços de criatividade. Veja-se o que ocorreu com as aulas de arte, com as atividades culturais, o teatro, os festivais e os espaços de experimentação tão comuns nas escolas inovadoras da década de 1970: minguaram. Não é de surpreender, portanto, que estejamos formando gerações de jovens competentes, mas com dificuldade de “pensar fora da caixa”. Li em algum lugar que é sintomático que os grandes visionários da tecnologia, como Bill Gates, Steve Jobs e outros, sejam pessoas que simplesmente saltaram fora do barco da educação - alguns ainda no ensino médio.

Tudo bem que nem todos nascemos geniais e que a escola não é uma fábrica de pessoas fora de série. O contrário também é verdadeiro: nossas instituições de ensino não podem ser preparadoras de mão de obra bem treinada, mas incapaz de pensar criativamente, de fugir de padrões, de inventar. Parafraseando o filósofo alemão Arthur Schopenhauer, precisamos, sim, formar pessoas talentosas, capazes de atingir objetivos que outros não conseguem acertar, mas o mundo precisa cada vez mais de homens e mulheres capazes de mirar alvos que ninguém consegue ver. Ainda. ■



Francisca Paris

Pedagoga, mestre em educação e diretora de Soluções Educacionais do Ético Sistema de Ensino www.sejaetico.com.br